

GLÁUCIA LEMOS

Ilustrações: Luigi Rocco



AS AVENTURAS DO MARUJO VERDE

20ª edição



Conforme a nova ortografia

 **Atual**
Editora

*Para Daniel Leal de Castro,
que me pediu uma história
com estes personagens.*

*E, naturalmente, para André,
Saulo, Samira e Davi.*



AMIGOS



*Resolvi contar a vocês
algumas das minhas aventuras.
Sou apenas um papagaio brincalhão,
mas duvido que qualquer outro papagaio,
por mais esperto que seja, tenha
coisas tão interessantes para lhes contar
quanto estas minhas curiosas
recordações de viagem.
Querem saber?
Então, vamos lá!*





CAPITÃO GERVÁSIO

Minhas viagens começaram quando passei a pertencer a um capitão de navio que não tinha um roteiro permanente. Ele era contratado em um porto para levar alguma mercadoria a outro porto. E se fazia ao mar. Assim, o barco do capitão Gervásio viajava para os portos mais longínquos e mais variados. E viajava sempre.

Nesse tempo, porém, as minhas viagens não eram interessantes. Quando o barco atracava, o capitão rumava para terra com a tripulação e me deixava a bordo. Dessa maneira, eu viajava muito, é verdade, mas nada conhecia.

Não que eu fosse um papagaio acomodado. Não era. Sempre pedia ao capitão:

— Capitão, me leve também para ver a cidade.

E ele respondia:

— Cale esse bico, Alberto. Quem já viu papagaio passeando?

— Eu já vi, capitão, nos filmes de cinema. Papagaio de pirata passeia no ombro do dono. Me leve, capitão!

Eu insistia. Ele, porém, muito irritadiço que era, logo ameaçava:

— Não amole, Alberto. Se não calar esse bico, quando eu voltar vai virar canja para o meu jantar.

Ante a ameaça de ir para a panela, desmoralizado como um frango pelado, eu acabava fechando o bico.



E era assim que eu vivia, muito tristemente, no meu poleiro, sem direito a ver mais que céu e mar.

Um dia aconteceu uma catástrofe. Uma verdadeira catástrofe, que, no entanto, modificou minha vida.

Eu disse a vocês que o capitão Gervásio bebia muito? Não, não disse. Pois é. O capitão levava sempre no porão do barco muitos barris e garrafões de vinho. E não economizava. Tomava-os sem a menor cerimônia. Quase sempre, quando se embriagava, ele se punha a cantar: Eu não sou daqui / marinheiro só / eu não tenho amor / marinheiro só / eu sou da Bahia / marinheiro só / de São Salvador... E lá ia ele dando ordens ao timoneiro, mar afora, anunciando que era da Bahia, de São Salvador... Até hoje não sei se era a letra da música que estava errada, ou se era mesmo o capitão que não sabia que a capital da Bahia não é São Salvador, é Salvador mesmo. Só sei que ele ficava repetindo assim, com a cara muito vermelha e a voz enrolada de quem já tinha degustado muito vinho.

